

SÉRGIO: É Sérgio Roberto da Cunha, morador do continente, na Coloninha. E sou filho da Mãe Renilda de Iemanjá, uma Mãe de Santo que dispensa comentários para sua religiosidade por ter passado todo esse paradigma, né? Da cultura de matriz africana, de todo esse percalço e sempre ter cumprido com a sua missão, religiosamente, respeitando o próximo, tendo feito vários filhos de Santo que passaram pela mão dela. Ela frequentou alguns terreiros, depois que teve o terreiro dela. Ela começou muito cedo, aos 14 anos. É... no interior do Alto Biguaçu, aqui no Timbé, precisamente. E vindo seguindo esse legado, que foi também da mãe dela. Uma missão espiritual, né? E onde no qual ela sempre respeitou todos os terreiros de umbanda e todos os Orixás dela. Para cada Orixá tinha uma festa, para cada Orixá tinha uma roupa. E atendia gratuitamente, benzina as pessoas, dava passe. E passou por ela, várias autoridades, várias pessoas. Era uma aconselhadora acima de tudo, uma espírita aconselhadora, né? Porque você tem os Santos que te governam e tem o seu intuïto. De aconselhar a quem batesse na sua porta. Ela sempre atendia, não tinha horário para isso. Pegava muitas vezes, se dedicou mais aos filhos de Santo dela que os filhos de sangue. Por isso que eu acredito que é uma missão. Uma missão de vida, né? Uma divindade de Deus. Sempre trabalhou os Orixás também, o povo da direita, o povo da esquerda. Teve o seu terreiro de umbanda muito tempo. Por último, onde nós estávamos morando antes dela falecer aqui na Coloninha. E ela tinha, deixou, um legado para nós, para quem a conheceu, que era sempre atender as pessoas em primeiro lugar e respeitar os outros Pais de Santo, os outros filhos de Santos. Então, ela se dava com todo mundo, ela tinha essa flexibilidade. Não é? De nunca deixar a vaidade ultrapassar o seu limite espiritual e sempre contando com a sua humildade. Era católica. Ela era uma das poucas Mães de Santo que eu via ler a bíblia todos os dias de manhã e depois às 18:00. Ela tinha essa, um agradecimento primeiro a Deus e no sincronismo a pai Oxalá. Se dedicava muito às festas de Orixá de povo de rua, a pombogira dela, Maria Padilha, que era teoricamente mais conhecida pelas suas festividades, pelos seus atendimentos, né? Pela sua cura. Era uma mãe de Santo, de muita cura, de muita energia, muita energia. Quando na sua passagem eu lembro bem que na sua passagem pro plano espiritual ela nos chamou e cada filho ela contou uma história e pediu que não se revoltasse dos Orixá dela porque era o momento dela. Antes de falecer, ela deu todos os santos, o terreiro dela 3 meses antes. Para cada pessoa, ela dava um santo. Ela disse ela, “estou partindo, vocês continuam”. A minha irmã hoje é mãe de Santo, alguém ia dar continuidade, né? Que ela... quando lembro bem, quando tinha uma festa, por exemplo, que hoje dia de Exu, mas tinha uma festa, ela preparava aquela festa, era muita gente, era muito filhos de Santo, era muito. Tinha que acender a vela, orar ao pai nosso primeiro, abrir os caminhos. Então ela jogava búzios, fez muitas feiras no shopping pelo Brasil, né? No shopping center pelo Brasil. Eles tinham uma feira mística que ela jogava muito bem, búzio. Cartas, baralho cigano. Então, ela depois também fez a sua coroa no Rio de Janeiro. Não quis fazer festa que ela achou que a coroa era um troço muito identificante com você mesmo, não é? Mas já era coroada. E se dedicava diariamente, diariamente a espiritualidade. Nunca, nunca passou pela cabeça dela deixar. Pegou toda aquela resistência do passado, que não era fácil ser umbandista, ainda mais num estado como Santa Catarina, pelas suas colonizações. Mas as pessoas foram respeitando, foram quebrando paradigmas, onde por último, ia, atendia políticos, empresários e tal. Essas pessoas iam até ela para aconselhamentos, para ver saúde, não é? O que não era espiritual ela já dizia para você, “ó, não é espiritual”, não é? Então você

vai para o médico. E esse, esse legado dela veio todo da minha avó, que começou primeiro. Ela foi filha de Santo da minha avó, então passou de mãe para filha.

AISHA: É, um pouquinho sobre a trajetória pessoal dela, é falando sobre a sua avó? Ela é nascida aqui? A sua vó também?

SÉRGIO: Alto Biguaçu e Timbé. Alto Biguaçu. Mas vieram muito cedo pra cá.

AISHA: Certo!Então elas já tinham contato com a religião desde muito cedo?

SÉRGIO: Desde muito, a partir dos 14 anos de idade, a minha mãe já via as coisas, já via a carta.

CAROL: E sabe mais ou menos o ano?

SÉRGIO: 55?1956.

CAROL- E ela te contava assim, como que foi a trajetória dela até ser mãe de Santo?

SÉRGIO: Contava. Ela estudava no primário, via vozes, ouvia vozes e com 13 anos ela foi jogar carta para a minha avó. E contou uma história que a minha avó dizia que era impossível dela saber por não ter sido nascida, por não ter sido. E era coisas pessoais. Então, como ela era muito nova, eles não acreditavam e tornava. E ela dizia, “tem uma mulher me falando isso, me falando isso.” E dali começou a trajetória dela. Não é? Tanto que ela ia para a aula na época, no sítio, e eles iam chamar a minha avó que ela já saía da aula e uma mulher a chamava para ela ouvir essas vozes. Então, a gente acredita que ela não precisou se desenvolver, pronto, como um médio já veio de berço.

AISHA: Sim, e nessa trajetória dela é sendo sua vó já de terreiro, tem alguns outros terreiros que ela passou? E se você puder falar um pouco sobre isso.

SÉRGIO: Passou na Dona, no centro da Tia Bicota, que era um dos primeiros. Passou no centro da Dona Malvina. Mãe de Santo Malvina que era os terreiros que tinha matriz africana. Terreiro do falecido Jaqueta, que era do morro do Céu, que era. Então, por ela ser muito nova, essa gente Santo falava, “olha essa menina vai ser muito boa”, porque ela sempre andava no meio dos Pai de Santos, ja mais antigo, né? Não da época dela. E depois os Santos dela vieram gradativamente. Tanto que dos Santos que a minha avó pegava ela só tem a ibejada dela, que era o Doum que a minha avó passou da minha avó para ela e ficou até uma certa idade. Porque criança depois o próprio espírito respeita a parte física, né?

CAROL: E a mãe Malvina era referência aqui?

SÉRGIO:Referência! Dona Malvina veio do Rio de Janeiro, não é? Quando botou o segundo terreiro, já tinha a dona Cristina também, mas Dona Malvina era referência, né? Pelos

paradigmas que tinha pelo terreiro e pela religiosidade dela. Ela trouxe essa parte para cá lá com um ato de disciplina que não, não é só você ter um terreiro de umbanda. Você tem uma disciplina, você tem um horário, você tem filho de Santos. Tanto que a Dona Malvina no terreiro era homem para um lado, de mulher para o outro. Olha o respeito que tem, a religiosidade, né? Então, a dona Malvina sempre cultivou isso. Ela é pioneira nisso, né? Nessa trajetória do dos terreiros matriz africana.

CAROL: E aí você mencionou que quem deu essa continuidade foi a sua irmã, né? E hoje em dia ela tem um terreiro?

SÉRGIO: Não, ela trabalha no terreiro, ela é Mãe de Santo, Mãe Pequena, trabalha no terreiro, aqui no Sapé próximo, aqui, o Monte Cristo, né, pai Alexandre. Nós, nenhum de nós pegou, foi para o Santo. Porque poderia muito a mãe da gente... e a gente foi, né? E a minha irmã até hoje cultiva isso dela.

AISHA: Simone.

CAROL: E sobre o terreiro da sua mãe, qual o nome, qual era o significado?

SÉRGIO- Não, tinha um significado. Terreiro de Mãe Renilda de Iemanjá, que ela era filha de Iemanjá. Então, o título dizia isso, né. Ela tinha todos os Santos, mas tínhamos o Santo pai de cabeça dela, que era Iemanjá a mãe de cabeça, Ogun o pai de cabeça. Iemanjá mãe de cabeça. Então Mãe Renilda de Iemanjá.

AISHA: Você se lembra mais ou menos a data que o terreiro foi fundado? Como que foi o processo?

SÉRGIO: Processo do terreiro dela é 1979, em Barreiros. Até então, ela girava no terreiro da minha avó, né? Que na década de 52, minha avó teve terreiro de 52 para frente foi até minha avó foi com o terreiro até 78. Depois com com a idade, com a certa idade, né? Daí minha mãe colocou o terreiro dela. E foi com o terreiro dela até 2019. Logo em seguida, depois adoeceu, mas atendia ainda. Ela mesmo, mesmo adoecida doente, fazendo. Quem batia porta dela, ela atendia. Ela foi até os últimos dias bem espiritualizada, assim, bem tranquila.

AISHA: Ambos os terreiros aqui na região?

SÉRGIO: Maioria dos terreiros, Dona Malvina, Dona Cristina, Dona Bicota, tudo aqui, né? Poucas vezes dizia que o terreiro no centro, no Jaqueta, já é no centro, no morro do Céu. Ela frequentou esses terreiros na região.

CAROL: Como que tem lembranças, como que era o espaço físico desse terreiro?

SÉRGIO: O terreiro dela era grande, era um espaço físico aí de vamos colocar de 80 m², banheiro masculino, banheiro feminino, tudo organizado.

CAROL: E tinham muitos médiuns ali?

SÉRGIO: Minha mãe passou por elas muito, mas no terreiro dela tinha em torno de vinte a trinta médiuns. Era um troço qualificativo, porque senão era basta tudo vestido de branco e achava que pega alguma coisa. E como ela a rigidez dela e a disciplina espiritual era isso. “Ó, você tem, você não tem.” Não adianta você, porque é muito... seria muito vago. As pessoas botaram uma guia e ir para um terreiro de umbanda. Não, ela tinha que ver, fazia a vidência quando ela sabia que tinha, que tu tinha alguma coisa. Via no búzio, jogava no búzio, né. Porque tu pode vir desenvolver porque tudo tem algo, tu tem a possibilidade de desenvolvimento espiritual.

CAROL: Sim, então ela tinha essa...

SÉRGIO: Esse cuidado, esse cuidado.

CAROL: Essa prática dos búzios

SÉRGIO: Búzios e a carta.

CAROL: Então era partir dos búzios e das cartas que ela se comunicava...

SÉRGIO: Exatamente, se comunicava espiritualmente.

AISHA: E a escolha do local onde era o terreiro foi algo específico, escolhido espiritualmente?

SÉRGIO: Não foi algo específico. Porque nós morávamos lá, então não íamos fazer um terreiro fora, né? Até porque são, as vezes são pessoas de idade, o meio de locomoção é mais fácil.

CAROL: Sim como estava próximo...

SÉRGIO: Exatamente. Ficava próximo.

CAROL: E aí a gente, inclusive, a gente estava conversando também, né? Antes de começar a gravação, era muito essa questão da dessa relação da comunidade com os terreiros, né? Isso a questão do som e tudo mais, né? Isso tu percebia ali, ela falava alguma coisa pra ti?

SÉRGIO: Falava assim pela discriminação da época, que a gente até passa a entender hoje,. Porque quando fala de terreiro de matriz africana havia uma discriminação de quem não tinha o conhecimento. Hoje você passa a ter o conhecimento, passa a ter a leitura, passa a mídia te dá mais espaço ao conhecimento da pessoa, ao respeito, né? Hoje você tem um

respeito e antigamente as pessoas tinham medo. Não passa ali que a palavra era macumbeiro e não umbandista. Tinha essa relação daquilo que a sociedade globalizada nos impõe. Hoje não. Hoje é respeitar. Então, nos centros maiores, como Rio de Janeiro, Bahia, que isso veio com o (incompreensível) de lá, havia um respeito. Quando chegava na região sul, pela sua colonização da época. Italiana, portuguesa e tal, isso passaria... entendeu? A viver mais um troço diferente. Entendeu? Então isso... esse o troço ficou mais, mais visível. Hoje as pessoas respeitam mais os terreiros de umbanda, as pessoas respeitam os terreiros de umbanda, as pessoas respeitam o as questões do barulho em si, entendeu?

AISHA: Então, pensando na composição do terreiro, à época, você se recorda como que era a composição de pessoas que estava nesse terreiro? A diversidade de pessoas que se encontravam nesse terreiro. Eram mais homens, mais mulheres. Como que isso funcionava assim dentro do terreiro?

SÉRGIO: É, na realidade, é a espiritualidade, ela não escolhe sexo. Né? Mas tinha mais mulheres do que o homem, até pelo tempo da mulher ter mais disponibilidade na época do que o homem, mas não tinha assim... Na época. ela tinha até mais pessoas, que se relacionava muito a isso, fazia uma relação que a parte espiritual, por ser de matriz africana, eram pessoas de cores, negra. Não., Hoje se perpetua nos terreiros de umbanda mais pessoas claras, porque espiritualidade não tem cor. Então essa relação com a sociedade fazia. O espírito, não tem cor. Ele te escolheu, você é um escolhível. A missão, né? A missão não escolhe sexo, cor ou diferença de... na questão relacional a isso.

CAROL: E ela, né.. tua mãe falava assim, conversavam com alguém que... até a tua irmã também, né? Essa relação, o que que significava ser uma mãe de Santo em Florianópolis nessa região?

SÉRGIO: Ela tem mais uma irmã que é Mãe de Santo também, minha tia. É o ato da disciplina, porque quando você não tem a disciplina em cima daquilo que você faz, ainda mais com discriminação, é pior. Então ela tem horário para acabar, tem horário para terminar. Por exemplo, em uma gira do povo de direita, tu não podia estar rindo. Por exemplo, nós povo, quando tinha uma gira do povo de esquerda, só entrava quem era de maior. Nós tinha que ver por fresta de porta. Havia um respeito que criança não estaria. Criança estaria onde tinha povo de direita. Onde tinha, Iemanjá, Caboclo, Iansã. Mas onde tinha povo de esquerda não entrava proibido. Até porque um povo que não é de luz não ia assimilar uma criança no meio. Então tinha esse ato de disciplina. Por exemplo, quando começava a gira, eles rezavam o pai nosso, tinha que estar todo mundo de branco, né? Não poderia estar rindo que era um é um troço sério, é um troço de concentração. As pessoas tinham que se concentrar, né? Não teria bebida de álcool numa gira de direita, num povo que não poderia. É, tinha um intervalo, aí no intervalo as pessoas iam fumar o seu cigarro, conversar, tal, depois voltariam. Então é um gradativamente para cada gira, tinha um tempo, tinha um tempo, pro ponto para eles incorporarem, ponto para eles curimbarem e o ponto para eles ir embora. Então esse ato de... sempre teve, não é?

CAROL: E você conviveu, assim, nessa dinâmica do terreiro, embora não faça parte hoje?

SÉRGIO: Convivi. Tudo que eu tenho na minha vida profissional, na minha vida pessoal, eu devo a eles. Eu, claro, batia, ia lá. Até porque aquilo é convidativo, né? Não tinha como. Ajudava, por exemplo, quando tinha as festas, ajudava na manutenção, na medida do possível. Mas como a gente convivia, não tem como tu não influenciar no processo, né? Então a gente respeitava muito, né? As pessoas não bagunçavam, não fala alto. A gente tinha esse cuidado

CAROL: E aí os ensinamentos eram passados pra vocês

SÉRGIO: Isso a gente conversava muito. Quando ela voltava a ser minha mãe. Durante o dia, a gente conversava muito. E ela pedia para a gente sempre ter respeito. Por exemplo, tinha uma festa, tinha determinado alimento para uma feijoada de Preto Velho. Então tem todo aquele ritual antes de fazer e tal. Ela não deixava mexer, mas não deixava de jeito nenhum. Ela era uma pessoa extremamente cuidadosa e zelosa com aquilo que era do Santo. Ela entendia que era do Santo. Não é?

CAROL: E explicava pra vocês?

SÉRGIO: Explicava. Aquilo não... não mexe nesse alimento, porque pode aqui trazer isso. Não mexe nisso, porque isso aqui é de tal Orixá, isso aqui é intenção a tal Orixá.

AISHA: E desses momentos que você lembra assim, relacionados ao terreiro, tem alguns momentos que você acha mais marcante, assim que você lembra, uma memória, que é relacionado ao terreiro, à sua mãe.

SÉRGIO: Acho a festas de Pombagira dela que ela... A festa talvez uma das mais famosas de Florianópolis. Da Pombagira Maria Padilha. Então ela fazia sempre no mês de agosto, essa festa era... Aí vinha todos os terreiros juntos, todos. Então, era uma festa só para o povo da esquerda. Teve festa nossa, que festa dela, que começou uma sexta-feira e terminava só no domingo à tarde, que as pessoas voltavam. Aí era dado um boi de oferenda para Pombagira, era dado 400 litros de chope e tantas caixas de cerveja. Depois que as pessoas terminavam a festa, no dia seguinte, voltavam para comemorar o feito da comemoração da Pombagira.

CAROL: Então pra ela também era marcante?

SÉRGIO: Para ela, era...era tudo ela. Eu posso falar para ti, catedraticamente, ela zelava mais pela essa festa da pombagira dela que se fosse o aniversário nosso. É por isso que eu acredito na missão. E a gente não ficava com ciúme, não, tá? No começo dava, mas depois a gente passou a entender que os Orixá dela era tão importante quanto nós.

CAROL: Certo. E, sobre essa questão do terreiro dela, né? E a gente sabe desses desafios em torno do próprio racismo religioso, enfim, tudo que tem aí, que envolve as religiosidades de matrizes africanas. E aí é você lembra assim, essa relação do terreiro com o estado, por exemplo, a prefeitura, né, a câmara. E se tinha, enfim, essa, essa relação, como que ela era, como que funciona?

SÉRGIO: Tinha, porque depois, no período da década de 80, começou a aparecer as federações de matriz africana. Onde tiravam o alvará, onde documentavam os terreiros de umbanda. Então o terreiro de umbanda já tinha o seu, vamos lá, o seu CNPJ, o seu endereço, né? A Câmara começou a homenagear muito. E aí a gente dá muito isso a Dona Malvina, que ela começou essa, essa relação, essa relação até política institucional das pessoas para aprenderem a respeitar. O cara tem um alvará, o alvará dele permite até tal horário. Não teria aí... esse paradigma. Aí começou a ir, coroneis da polícia, nos terreiros de umbanda começou a ir... E isso começou a ser frequentado e aberto essa lacuna para que os terreiros de umbanda se oficializassem. Hoje é até mais. Hoje, mais. Hoje, alvará... eles têm toda a estrutura, são de utilidade pública municipal, estadual e federal, não é? São direito a subvenções para manter o seu templo, então hoje é bem mais tranquilo.

CAROL: E se e aí a gente teve nossas pesquisas, a gente teve é contato ali com a federação umbandista catarinense ou de Santa Catarina. E aí se a gente for nessa documentação, a gente encontra é elementos, enfim, sobre o terreiro ...

SÉRGIO: Encontra, encontra. Principalmente na associação encontra que começou com a presidente, com a Dona Ieuzi. Isso na década de 80. Eu lembro bem, eu tenho uma memória que...

AISHA: E, é legal pensar que o surgimento dessas federações, né? É, vão se relacionar com outras áreas, né? Como você tinha falado do, antes de a gente começar a entrevista, do Carnaval. Então, os terreiros, eles vão estar ligados a outras áreas da comunidade, se você quiser comentar um pouquinho sobre isso

SÉRGIO: Sim, porque as duas coisas se associam muito, né? Você está falando em agremiação, estamos falando de pessoa, estamos falando de batuque, e canto. Vê quantas coisas a gente tem em comum uma com a outra. E a comunidade. A comunidade se sente o que? Ela se sente feliz e importante. Poxa, aqui tem um terreiro de umbanda que é oficializado, né. Isso para as pessoas da comunidade, que geralmente os filhos de Santos são próximo, tem alguns que são longe, mas eles procuram o próximo porque eles têm, eles têm a segunda-feira, têm os dias de religião, de culto, então se torna mais... e para nós hoje, hoje nós temos vereadores, deputados que são Pai de Santo, que frequentam, que os filhos, são. Então, quanto paradigma foi quebrado nesse meio tempo. Mas porque eles resistiram, começaram lá atrás, eles tiveram sofrimento. Hoje a gente até colhe algo em função do passado.

AISHA: É, então eu acho que pra ir pro encerramento da entrevista, a gente queria perguntar se tem alguma coisa além do que foi perguntado pela gente que você queria compartilhar. É... alguma questão que a gente não trouxe? Algum comentário?

SÉRGIO: O comentário é que as pessoas passam a respeitar uns os outros, independente de credo, independente de cor, sexo ou religião. Até porque nós estamos aqui. No planeta Terra, com uma missão. A missão de ajudar o próximo. Eu não vejo nada, ao contrário disso, sentir com a palavra de conforto, com a palavra de carinho, não é? Então nós não temos, não somos melhor do que ninguém, pelo contrário. Se igualamos como toda de muita humildade e muito respeito, independente de qualquer religião, não só de matriz africana. Seja evangélica, católica, protestante, eu acho que o maior legado como pessoa e ser humano que a gente deixa é isso.

CAROL: E a última pergunta é saber por que que o senhor aceitou participar do nosso projeto?

SÉRGIO: O orgulho de ser umbandista. Esse é o maior. Não se esconder daqui, da onde você veio, o que você faz e daquilo que você acredita.

CAROL: É isso. gratidão mais uma vez.

SÉRGIO: Eu que agradeço pela oportunidade.